GUSTAVO BARROSO

NAIR DE MORAIS CARVALHO

Sr. Presidente, Srs. Membros do Instituto do Ceará:

Emocionada com tôdas as palavras que por certo vêm mais do coração, quero, antes de tudo, agradecer comovida o acolhimento recebido nesta terra gloriosa, que visito pela terceira vez. Em meio à minha emoção dêste momento, há uma nota imensamente triste pela ausência física de Gustavo Barroso. Perdemos, infelizmente, o seu convívio, mas êle continuará a ser um estímulo e um exemplo por tudo de admirável que conseguiu realizar.

Planejava vir assistir à inauguração da estátua de Gustavo Barroso em agôsto de 1962; minha presença, entretanto, era mais necessária no Rio, naquela ocasião, onde poderia acompanhar de perto os trabalhos da cunhagem da medalha comemorativa e manter contatos com a imprensa para que tudo se realizasse na data fixada. Assim, fui obrigada a ficar e nisso segui os ensinamentos do mestre — primeiro o dever. Por isso, privei-me da grande satisfação de participar das merecidas homenagens que lhe foram prestadas em sua terra natal.

Assumi, porém, o compromisso de realizar uma viagem ao Ceará, com o fim exclusivo de visitar o seu monumento. E aqui estou. Infelizmente não tenho, agora, a felicidade de percorrer todos os lugares visitados anteriormente em companhia de Gustavo Barroso, cujas narrativas ainda guardo na memória. Contava-me êle a história de sua terra, com mínimos detalhes, tudo enaltecendo: o clima, as pessoas, as coisas, a sua comida, os seus doces, as suas frutas, tudo, enfim. Sonhava êle com o dia em que pudesse viver num sítio na Messejana e dormir o seu último sono na terra cearense. Não se conformava em viver longe dela. Dizia, muitas vêzes, "nunca devia ter trocado a minha Fortaleza pela Capital". Quando encontrava um cearense, era como se fôsse um irmão.

Em discurso pronunciado na Casa do Ceará, no Rio de Janeiro, quando foi homenageado pela passagem dos seus 70 anos, agradecendo aos oradores que o saudaram, referiu-se "aos primeiros 21 anos da sua vida, até à mocidade, passados no Ceará e aos 49 outros decorridos longe da sua terra natal, afirmando que, no fundo da sua alma, sem que pudesse dar uma explicação plausível, aquêles 21 anos valiam tanto ou mais que êsses 49 que até desapareciam, e se apagavam diante dos primeiros. É que dominava nestes, asseverou, o amor da terra, das coisas, das côres, das luzes, dos perfumes, dos gostos, de tudo o que, desde muito pequenino, fôra descobrindo e amealhando como um tesouro. Na infância e na adolescência descobrira e amara a vida, vestindo-a com todos os véus da fantasia. Na mocidade, na maturidade e na velhice as decepções e a experiência tinham assassinado a fantasia. As paisagens das almas e das terras não eram, pois, as mesmas, não possuíam mais aquêle encanto do passado. Daí, as saudades que, constantemente, o alanceavam ao lembrar-se do Ceará, as quais, por vêzes, lhe doíam até fisicamente, se assim podemos dizer. Daí, o arrependimento de ter deixado a terra natal para uma audaciosa aventura que as comemorações do seu aniversário estavam coroando de louros, louros que êle trocaria, de bom grado, pela inocência feliz de outrora, na pequena e singela Fortaleza da sua meninice".

Ao percorrer as ruas da cidade, com a presença de uma emoção particular que vibra dentro de mim, ouço a sua voz contando-me os fatos passados, cantando o hino e recitando versos dedicados a Fortaleza:

FORTITUDINE

I

Sob o sol escaldante do Nordeste
Cortam-se as largas ruas paralelas;
Estas se alinham rumo leste-oeste,
No rumo norte-sul correm aquelas.

A luz brinca nos vidros das janelas
E cobre tôda a natureza agreste,
Fortaleza, cidade das mais belas,
Não te esqueci enquanto me esqueceste.

Vinte anos descansei no teu regaço.
Depois, parti por êsse mundo afora.
Mas hoje sinto que detenho o passo

Na fímbria da velhice pensativa:
Revivendo o passado hora por hora,
Guardo tua lembrança sempre viva.

II

Guardo tua lembrança sempre viva
No triste coração amargurado.
Por que te fazes para mim esquiva?
Por que desprezas todo êsse passado?

Distante do teu seio afortunado
Em busca de aventura combativa,
Por longes terras me arrastou o fado,
De ânimo forte e de cabeça altiva.

Quente filha do sol do meu Nordeste
Virtude e fortaleza me impuseste,
Para sofrer a dor e a solidão.

Desfraldei o estandarte da ousadia,
Sereno, combatendo a vilania,
Com tua imagem no meu coração!

Em tôdas as oportunidades de sua vida, através da pena e da palavra, soube sempre demonstrar o seu amor ao Ceará. A sua última página, escrita no dia 15 de novembro de 1959, isto é, 18 dias antes de falecer, é dedicada ao Ceará, um verdadeiro grito de dor, de saudade inconsolável! Escreveu êle: "O Ceará, muito especialmente Fortaleza, foi e continua a ser o meu mundo. E continuará sendo, estou certo. Não um mundo que eu comande, mas um mundo que me comanda através do espaço e do tempo, onde quer que eu vá, seja qual fôr a época. Tamanho poder lhe foi dado, porque foi o primeiro mundo que vi, quando abri os olhos para o mundo, mundo em que hora a hora, dia a dia, ano a ano, durando e tomando forma fui no corpo e na alma descobrindo tôdas as coisas do mundo. O Ceará é o mundo em que sempre me recordo e vejo, só ou acompanhado de tudo quanto vi e toquei desde o berço. Continuarei a viver nesse mundo até que se me apague a derradeira luz do mundo! Meu mundo querido e único!"

O Ceará foi sempre o tema preferido de suas obras. De **Terra de Sol**, seu primeiro livro, ao romance **Mississipi**, publicado depois

de sua morte, está êle sempre fiel nas suas descrições, sempre ameno no seu dizer. Paisagens e pessoas reais foram tão bem espelhadas nas páginas do **Mississipi**, que êle mesmo adverte às pessoas que se julgarem retratadas que não foi por mera coincidência a semelhança...

Que poderei dizer da obra, da luminosidade da sua inteligência, da facilidade da sua palavra, do seu coração de ouro que já se não tenha dito e escrito? Seus preciosos livros são sobejamente conhecidos por todos vós. Sinto-me, particularmente, afortunada por possuí-los todos — alguns em tôdas as edições. Já os li dezenas de vêzes e procuro reler, sempre, aquêles que têm ressonâncias mais felizes dentro de mim; de outros, acompanhei o seu trabalho, datilografei tôdas as páginas e fiz com êle a revisão. Pena que a sua maioria esteja com as edições esgotadas. Necessitamos imprimir as **Obras Completas** de Gustavo Barroso. A Universidade do Ceará, que publicou **A Margem da História do Ceará** e a 6ª. edição de **Terra de Sol**, melhor do que nenhuma editôra poderá fazê-lo.

Sempre relembrei o professor que modelou o meu espírito, a quem devo a minha formação. Trabalhador infatigável, grande contador de casos, sua convivência constituía verdadeiro prazer. Era capaz de narrar, sem esquecer nenhuma data nem omitir nenhum pormenor, qualquer fato de nossa história. Muito simples, nunca falava do sucesso de seus livros, ou das honrarias que, por mérito, recebia. Profundamente humano, sensível ao sofrimento alheio, leal, amigo de seus amigos, excessivamente emotivo, procurava, sempre, ajudar a todos que precisavam de sua ajuda. Apaixonado pelos livros, gostava de ler revistas de crimes e mistérios e fazia palavras cruzadas. Durante todo o tempo em que trabalhei com êle, no Museu Histórico Nacional, — 22 anos — jamais o vi humilhar alguém.

Apesar de ter viajado por países da mais avançada civilização, em missões diplomáticas, sempre dizia, ao regressar, que trocaria tôdas as posições, tôdas as condecorações, tudo, enfim, pela vida no Ceará.

A Waldir Liebmann, seu dileto primo, escreveu certa vez: "Quando eu morrer, não procurem minh'alma noutro lugar senão nas várzeas da Messejana, nas estradas do Curió e da Jurucutuoca. Ali ela estará vagando." Quando aqui estêve, meses antes de falecer, manifestou o seu desejo de ser enterrado em sua terra natal, levando consigo um saquinho de terra cearense para que fôsse colocado sob a sua cabeça, quando exalasse o último suspiro, caso êsse seu desejo não se realizasse. Repousa êle ainda no Rio de Janeiro à espera de que os seus irmãos cearenses o mandem buscar.

Da última vez que visitou Fortaleza, quatro meses antes de falecer, almoçando em casa de João Jacques, disse à espôsa de seu a-

migo que, no Juízo Final, quando soassem as trombetas queria ressuscitar no Ceará.

Numa outra carta a seu amigo Raimundo Girão, queixava-se: "Nunca realizei nenhum dos meus verdadeiros desejos. O destino realiza comigo aquilo que êle acha que deve ser e eu me submeto, porque quando me tenho revoltado tem sido pior." O seu sonêto **Cruel Destino** é um grito de dor contra aquêle que o prendia sob pesados grilhões.

Por isso tudo faço meu o apêlo do nosso grande amigo João Jacques, feito no discurso pronunciado no dia 23 de dezembro de 1959, em sessão promovida pela Casa de Juvenal Galeno, o grande poeta cearense, e publicado no "O Povo" de 7 de janeiro de 1960, intitulado **História de um poeta ou poesia de um historiador.**

"Poetas do Ceará

Vós, que tendes tanta delicadeza no coração, mandai buscar, no Rio, o mais breve possível, os despojos fúnebres de Gustavo Barroso para que êle repouse de fato na terra que êle verdadeiramente amava e em cujo regaço ardente sempre esperou aquecer-se e apagar-se da frieza de outras almas e da inconstância climática de outras latitudes.

Se vivo, êle não saía daqui, morto, o seu espírito não nos deixará nunca."

Agradecendo a honrosa acolhida que o Instituto do Ceará me proporciona através dos incomparáveis amigos Manoel Albano Amora e Raimundo Girão, aproveito o momento para lembrar que estive nesta casa com Gustavo Barroso em 1952. Só isto bastaria para tornar indelével em minha memória a lembrança dêsses dois dias passados no Ceará — então e agora.